

Nanozine: Nos seus ateliês e workshops (por exemplo sobre o Ponto G), as pessoas vão à procura de algo em particular? Ou vão mais à procura de uma primeira experiência para ver o ambiente e depois regressam mais mentalizadas para algo?

No caso de ciclos como o Sexo às Quartas, no Espaço Compasso, de Janeiro a Março de 2012, aconteceu esse experimentar por parte do público, que foi ficando, e ao fim de 3 meses permitiu um criar de intimidade e partilha extremamente proveitoso para ambos. Na maioria dos casos, os workshops são pedidos a casas particulares, aí há a noção de o que se está à espera e quem vai de surpresa acaba por me chamar mais tarde para partilhar a mesma experiência com outras amigas ou amigos. Não me parece que exista muito espaço para esse processo de mentalizar, ou que este seja necessário, o ambiente criado é tranquilo, rapidamente se criam cumplicidades e sem grandes constrangimentos para ninguém. A minha principal proposta é exactamente essa, vamos falar de sexo, todos, com o máximo de informação possível em cima da mesa e sem criar grande caso, porque estamos a falar de algo que pertence ao nosso dia-a-dia, que é mundano, e que, quanto mais soubermos mais poderemos desfrutar.

Nanozine: Qual é a primeira reacção das pessoas quando frequentam os workshops?

Agrada-me a surpresa no final de despedidas de solteiras ou reuniões de enoval para o ócio adulto. Normalmente contavam com mais brejeirice, mas encontram um ambiente liberado e brincalhão, onde se fala de sexo sem banalizar e tentando dizer o que é necessário a cada momento. Esse quebrar de barreiras muito particular agrada-me especialmente.

Nanozine: Que tipo de tabus ou ideias pré-concebidas é que tentam desmitificar nos workshops?

Acima de tudo que existe um guião

pré-definido de prazer. Apresentam-se dicas, formas de fazer, informação para melhor praticar o que nos dá água na boca. E que não existe o proibido. Entre adultos consensuais e conscientes do que fazem (daí a importância da informação) tudo aquilo que nos dá prazer é válido. Há pouco tempo descobri um acrónimo usado entre a comunidade *kink online* que resume esta ideia de respeito pelas vontades do outro, de não se poder diminuir o desejo do outro, ou considerar a prática do outro menos válida que a nossa. YKINMKBYKIO (*Your Kink Is Not My Kink But Your Kink Is OK*). Isto é se nos apetecer, se apetecer ao outro o mesmo, porque não? E se não for a mesma vontade ou se acharmos os desejos do outro de gosto duvidoso, respeita-se e procura-se quem tenha os mesmos que nós.

Nanozine: Houve um ciclo de cinema dedicado a Erika Lust, que mudou o cinema pornográfico. Como que olhos observa a representação do sexo nos media hoje em dia?

Dos *media mainstream* aos mais alternativos, o sexo rodeia-nos. O problema, parece-me, é que é apenas uma perspectiva de sexo, umas poucas sexualidades e uns poucos comportamentos, que continuam a ter uma escala de representação suficientemente grande para não criar angústias e excluídos a quem não escolhe o modelo hegemónico. Mas a proliferação de medias à margem traz-nos autoras um pouco mais mainstream como Erika Lust, que criam novos modelos, a obras de arte como os “Dirty Diaries,” ou relatos documentais como o *Too much Pussy*, da Emilie Jovet. Julgo estarmos também numa privilegiada era de diversidade e produção.



CARTAZ DO ATELIER DE POMPOARISMO DA AUTORIA DE ANA FARIAS

O PROBLEMA,
PARECE-ME,
É QUE É
APENAS UMA
PERSPECTIVA
DE SEXO